

DESINFORMAÇÃO E *FAKE NEWS*: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Thamara Machado Pinto
Mestranda do curso de Pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
E-mail: thamara.machado29@gmail.com

Orientador(es): Daniela Zanetti
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
E-mail: daniela.zanetti@gmail.com

RESUMO

O paper em questão é constituído de reflexões relativas à pesquisa de mestrado em andamento “Território em chamas: o combustível da desinformação - uma análise das disputas narrativas no *Youtube* acerca das queimadas na região Amazônica em 2019” fixada no programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Nossa principal indagação de pesquisa é como os discursos de atores sociais na referida plataforma podem impactar o debate na esfera pública em um contexto de dismantelamento de leis e ações civis públicas de salvaguarda ao meio ambiente. Nesse sentido, nos traz igual inquietude como se dá a atuação dos algoritmos do site podendo impulsionar e radicalizar tais narrativas. Para este estudo específico trouxemos um fragmento do Estado da Arte sobre “*fake news*” e “desinformação”, cujo objetivo é mapear as principais abordagens e eixos conceituais e metodológicos sobre o tema. A partir desse levantamento constatamos lacunas significativas como a ausência de trabalhos que versam sobre a questão ambiental, bem como a respeito da plataforma de vídeos *Youtube* nesse contexto.

Palavras-chave: Desinformação. Youtube. Esfera Pública. Algoritmos. Meio Ambiente.

INTRODUÇÃO

Este paper compõe um dos desdobramentos da pesquisa de mestrado em progresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada “Território em chamas: o combustível da desinformação - Uma análise das disputas narrativas no Youtube acerca das queimadas na região Amazônica em 2019”. Tal projeto busca compreender como as narrativas carregadas de desinformação no site, somadas aos algoritmos de recomendação de vídeos, impactam na esfera pública da plataforma acerca da temática ambiental.

Todavia, para este trabalho específico temos como objetivo fazer um mapeamento das pesquisas científicas brasileiras que envolvam a temática da desinformação e *fake news*. Essa

revisão de literatura se fez necessária devido aos debates recentes acerca do uso dos termos para melhor definir o ecossistema de informações falsas nas redes sociais digitais desta última década. Nesse sentido, nos ancoramos na acepção de Claire Wardle (2016) que entende as *fake news* como uma expressão usada para fins políticos pelo presidente estadunidense Donald Trump como forma de cercear e censurar o trabalho da imprensa profissional.

A percepção de Wardle (2016) acompanha o raciocínio de que atores políticos, ao denominarem determinado conteúdo jornalístico como “falso”, desviam o debate público e acabam creditando apenas as notícias que lhe são favoráveis. É nesse sentido que a questão das notícias falsas e desinformação esbarra no fenômeno da pós-verdade citada por Matthew D’ancona (2018) como um sucumbimento da razão frente a um emaranhado de crenças que moldam a opinião pública. Ainda assim, segundo o autor, apesar de não ser algo propriamente novo, as informações falsas ganham mais corpo e velocidade no cenário das redes sociais.

Isto posto, importa a esta revisão de literatura ter conhecimento sobre os demais pesquisadores que estudam conceitos e aplicações dos vocábulos “desinformação” e “fake news”. Assim como nos inteirarmos a respeito de quais eixos temáticos, metodológicos e campos do conhecimento tais produções recorrem. Com isso, almejamos identificar possíveis lacunas, contribuições e caminhos para a pesquisa de mestrado em andamento.

Por fim, ressaltamos que este estudo se insere em um cenário de pandemia provocada pelo vírus da Covid-19 e, dessa forma, para além do arcabouço teórico que desejamos adquirir, também esperamos colaborar com a reflexão sobre o que a Organização Mundial de Saúde (OMS) chamou no início deste ano de infodemia¹: um espalhamento de desinformação em redes sociais a respeito da doença, ambas com capacidade viral.

DESENVOLVIMENTO

Com o objetivo de apreender sobre as principais discussões acerca da utilização dos termos “desinformação” e “fake news” em publicações acadêmicas brasileiras, apresentamos uma revisão de literatura sobre o tema.

Para este mapeamento foi inicialmente acessado o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) por abranger outras áreas de pesquisa além da comunicação e assim possuir um resultado mais amplo da temática. Mais tarde, houve

¹ De acordo com reportagem do jornal Estadão: “OMS combate a uma epidemia além do coronavírus, uma infodemia”. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-combate-uma-epidemia-alem-do-coronavirus-uma-infodemia,70003189336>. Acesso em: 30/07/2020.

a necessidade de abordar também os eventos e periódicos da área, uma vez que o assunto tratado tem se concentrado mais no campo da Comunicação. Portanto, foram catalogados os anais das seguintes revistas e eventos: COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação; Congresso Nacional de Ciências da Comunicação (Intercom) ; Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (Sbpjor); Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (Jpjour); Revista Estudos em Jornalismo (UFSC) e Revista Matrizes (USP).

A busca por trabalhos científicos se deu por meio da utilização dos termos “desinformação” e “fake news”, tanto separadamente quanto em conjunto. Como resultado, obtivemos 88 produções entre artigos, teses e dissertações. Vale ressaltar que empregamos um recorte temporal de 2010 a 2020, entendendo que o debate acerca de notícias falsas e desinformação se desenvolveram mais na última década. Prova disso foi a ocorrência quase majoritária de pesquisas no período de 2017 a 2020, tendo como predominância o ano de 2019.

De modo a facilitar a exposição e explicação das ideias e dos materiais encontrados, separamos a análise em dois tópicos: desinformação e fake news, cada qual com referência aos locais publicados, áreas de concentração, temáticas e eixos mais recorrentes nos estudos.

DESINFORMAÇÃO

A respeito dos resultados obtidos com o termo “desinformação” destaca-se primeiramente que as ocorrências do termo nos períodos anteriores a 2017, tanto no Portal de Periódicos da Capes, quanto nos eventos da área de comunicação, definiam a palavra e, portanto, o próprio conteúdo das publicações como sinônimo de falta e ou ausência de informação, ou seja, não abarcavam o fenômeno de notícias e informações falsas presentes nas redes sociais digitais.

No Portal de Periódicos da Capes, frequentemente a temática da desinformação foi abordada sob o ponto de vista da área de saúde, sobretudo de estudos vinculados à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ligado ao Ministério da Saúde. Destacamos o artigo “A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho’”, de Carla Montuori Fernandes e Christina Montuori (2020). Com base em uma página do Facebook, as autoras identificaram e desmistificaram os principais argumentos contrários à vacinação, bem como alertaram sobre uma possível correlação entre a desinformação em redes sociais e a queda no número de imunizações no país,

identificada anteriormente pela Organização Mundial da Saúde (OMS)². Além de pesquisas relacionadas à questão sanitária, os resultados mostraram que campos como ciência da informação, arquivologia e biblioteconomia também se debruçam sobre o assunto.

Já no âmbito da comunicação foi possível identificar, sobretudo nos anais da COMPÓS e do SBPJOR, uma discussão latente acerca do uso do termo “desinformação” em detrimento de “fake news” para melhor se referir à desordem informativa nas redes sociais das últimas décadas. Exemplo disso é o artigo da professora Raquel Recuero (2019), nomeado “Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições de 2018”. Tal como Recuero (2019), a jornalista e pesquisadora Fernanda Melo da Escossia (2019) em “Desinformação, checagem e jornalismo colaborativo – uma análise das estratégias discursivas das ‘fake news’ nas eleições brasileiras de 2018” também parte em defesa do emprego da palavra “desinformação” com o argumento de que líderes políticos se apropriaram do termo “fake news” para coibir e censurar o trabalho da imprensa profissional. Ambas utilizam como aporte teórico a autora Claire Wardle.

Nos anais do Intercom foi o artigo “Rede Social como espaço de informação e desinformação: uma análise do grupo Utilidade Capixaba - ES UP no Facebook” (2015). Os autores, José Antônio Martinuzzo e Marcela Tessarolo Bastos, já debatiam sobre o impacto de informações falsas contidas em redes sociais, na ocasião exemplificado por eles como “rede de fofocas” e “boatos” no Facebook. É importante ressaltar que essa produção científica foi a primeira relativa ao tema em todos os anais de congressos e revistas.

FAKE NEWS

A busca por “fake news” apontou uma quantidade superior de artigos, teses e dissertações no portal de periódicos da Capes, nos anais de eventos e revistas elencados para esta revisão de literatura. A investigação sobre “fake news” apresentou resultado mais robusto para trabalhos voltados ao campo da comunicação. No entanto, constatamos alguns estudos nas áreas de direito, ciência política e saúde.

Associados ao domínio da comunicação os tópicos mais frequentes foram: as notícias falsas em relação ao assassinato da vereadora Marielle Franco, as eleições presidenciais de 2018 e seus desdobramentos nas redes sociais. Também foram encontradas muitas produções que correlacionaram as fake news ao fenômeno da “pós verdade”.

² Conforme consta no site do Conselho Nacional de Secretários de Saúde(CONASS).”A queda de imunizações no Brasil”. Disponível em: <https://www.conass.org.br/consensus/queda-da-imunizacao-brasil/> . Acesso em: 31/07/2020.

Nossas buscas ainda trouxeram algumas abordagens acerca do mundo do trabalho jornalístico, como rotinas produtivas, crise do jornalismo, autoridade e conceito de verdade jornalística, formatos, gêneros e, principalmente, a ferramenta de *fact-checking* como alternativa de combate ao espalhamento de fake news em redes sociais. Nessa perspectiva, sobre o enfrentamento às notícias falsas, foram encontradas pesquisas relacionadas a educomunicação e alfabetização midiática.

Mais um ponto de vista abordado nos trabalhos que encontramos foi a implicação das notícias falsas na esfera pública e na opinião pública. Ressaltamos o artigo “Fake News, o discurso normativo e a comunidade moral: o pseudo-consenso das bolhas e a Esfera Pública” de Heitor Costa Lima da Rocha e Ivo Henrique França de Andrade Dantas Cavalcanti (2019). Baseados nos estudos de Habermas, os autores sustentam a hipótese de que as fake news contaminam o debate público reforçando crenças preestabelecidas e, por fim, geram um esvaziamento da esfera pública nas redes sociais.

Outro artigo destacado é “O estado da arte do fenômeno fake news”, de Sionelly Leite, Patrícia Lourenço e Marcos Ferreira (2018). A revisão de literatura proposta pelos autores, feita no intervalo de 2016 e 2017, analisou 16 textos contendo o termo “fake news”, tendo os eixos mais comuns tratando de questões políticas, conceitos de verdade no jornalismo e *fact-checking*, mostrando-nos uma consonância com os resultados que adquirimos até aqui.

MÉTODOS E PLATAFORMAS DE ANÁLISE

Em relação às metodologias mais frequentes encontradas nos estudos acerca de “desinformação” e “fake news”, despontam o uso de Análise do Discurso e de Conteúdo, bem como Estudos de Caso, com perspectivas qualitativas e quantitativas, aplicados tanto em pesquisas da Comunicação como de outras áreas. Na Comunicação, nota-se um considerável número de revisões bibliográficas, netnografias e análise de dados (big data) por meio de *hashtags*.

Enquanto objeto e recorte de análise sobre os termos buscados, assinalamos as redes sociais Facebook, Whatsapp e Twitter, sendo o último em menor número. Igualmente, plataformas de checagem de fatos como Comprova e Agência Lupa, também foram recorrentes, assim como veículos de comunicação, mais especificamente o jornal Estadão e a revista Veja.

RESULTADOS

Constatamos ao longo desta revisão de literatura uma produção científica crescente no âmbito das fake news e desinformação, principalmente a partir do ano de 2017. Outro fator

importante é a presença cada vez mais acentuada de estudos em outras áreas do conhecimento como direito, saúde, ciência política e informação, mostrando-nos, para além da multidisciplinaridade da questão, a relevância e implicações político-sociais da problemática da desinformação e notícias falsas em diversos contextos.

Quando se trata especificamente do termo “fake news”, observamos que a data de início dos resultados coincide com o término da eleição de Trump nos EUA, considerada por Wardle (2016) como um marco para o uso da expressão mundo afora e, conseqüentemente, em artigos científicos. Tal aspecto nos posiciona em concordância com a autora no que se refere ao uso político e proposital da palavra, mesmo o fenômeno não sendo novo. Da mesma forma, a utilização de pós-verdade como um conceito na esteira das fake news.

Além disso, foram verificadas lacunas importantes atribuídas ao termo fake news, como, por exemplo, a concentração de estudos em temáticas políticas e jornalísticas em comparação a outras áreas, bem como a inexistência de estudos sobre a questão ambiental, ponto que temos especial atenção. Outro aspecto é a constância de pesquisas na rede social Facebook, deixando de fora plataformas como Instagram e o Youtube. Além do mais, pouca atenção foi dada a outros aspectos das fake news que não o discurso como, por exemplo, seu caráter visual expresso por estratégias imagéticas que mimetizam o formato jornalístico de notícias.

No tocante às críticas aos dados obtidos em “desinformação”, identificamos que as pesquisas anteriores a 2016 tratam do termo como sinônimo de “ausência de informação”. Tal característica é marcante principalmente em produções das áreas de saúde e ciências da informação. Em consequência disso, também são esses campos que mais recorrem ao vocábulo em detrimento a *fake news*.

Apesar dos debates sobre o uso das expressões “desinformação” e “fake news” se ampliarem, sobretudo no campo da comunicação, como termos para definir a crise informacional desta década, nos deparamos diversas vezes com pesquisas que abordaram os dois termos como equivalentes, não apresentando reflexões mais aprofundadas e necessárias para distinguir os dois conceitos.

Wardle (2016) distingue os dois termos a partir de uma interpretação mais ampla e sistematizada do que designa como “desordens informativas”. A desinformação, para a autora, compreenderia assim três tipologias: a desinformação intencional (disinformation) e não intencional (misinformation), além da malinformation (DERAKHSHAN e WARDLE, 2017). É na esteira do pensamento da autora que é possível diferenciar os termos à medida que “fake news” volta-se mais para o âmbito das notícias de conteúdo notoriamente fabricado. A desinformação, no entanto, abrange não somente informações fabricadas, mas principalmente,

a utilização de enquadramentos, interpretações e conexões falsas em relação aos fatos. Justamente por apresentar uma visão mais complexa do ecossistema desinformativo presente em redes sociais que elencamos e compactuamos com o emprego de “desinformação” nesta pesquisa de mestrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe enfatizar que não foi pretensão desta revisão de literatura fecharmos um termo “correto” ou “errado” para tratar a desinformação, como dissemos, ainda é uma discussão recente. Nosso intuito era mapear e compreender se também outros pesquisadores interpretaram o assunto sob a mesma ótica. Isso porque acreditamos que tais denominações – a saber, *fake news* – embutem uma contradição primordial: se são “*fake*” não são “*news*”, diante do que o jornalismo define como notícia (KOVACH, 2004).

Contudo, os resultados obtidos neste paper nos forneceram um amplo panorama acerca das pesquisas científicas em torno das fake news e desinformação no Brasil. Além disso, reforçou a relevância e multidisciplinaridade do estudo – como já apontado anteriormente – sobre o que Wardle (2016) considera como um ecossistema desinformativo de conteúdos falseados e ou descontextualizados em redes sociais.

Ainda há brechas no que se refere a assuntos ligados ao meio ambiente e causas ambientais. Além disso, podemos atestar que as plataformas mais utilizadas para realização de pesquisas sobre a temática são o Facebook e Whatsapp. Tal análise confirma nossas hipóteses de que há uma lacuna significativa quanto às investigações a respeito de outras características da desinformação, como a audiovisualidade e, portanto, a ausência do Youtube nesse cenário. Fato este que nos preocupa, já que pesquisas recentes da organização Avaaz descobriram que:

[...] o YouTube está levando milhões de pessoas a assistirem vídeos de desinformação sobre o clima todos os dias. Eles não estão apenas sendo postados no YouTube e vistos de maneira orgânica por audiências interessadas no tema — o algoritmo de recomendações do YouTube está promovendo esses vídeos gratuitamente, levando desinformação a quem não seria exposto a eles de outra forma (BBC NEWS BRASIL, 2020).

Por fim, julgamos que com esta revisão de literatura conseguimos traçar caminhos mais palpáveis para a pesquisa de mestrado em andamento, bem como fortalecermos nossa problemática de estudo em torno da questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BBC NEWS BRASIL,. **YouTube promove vídeos com desinformação sobre mudança climática, mostra estudo.** 16/01/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51111499>. Acesso em: 30/07/2020.
- CAVALCANTI, Ivo; ROCHA, Heitor. **Fake news, o discurso normativo e a comunidade moral: o pseudo-consenso das bolhas e a Esfera Pública.** Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), 2019.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake News** . São Paulo: Faro Editorial, 2018.
- DERAKHSHAN, H. WARDLE, C. **Information Disorder: Definitions.** In: Proceedings of Understanding and Addressing the Disinformation Ecosystem. Annenberg: University of Pennsylvania, p. 5-12, 2017.
- ESCOSSIA, Fernanda. **Desinformação, checagem e o jornalismo colaborativo- uma análise das estratégias discursivas das “fake news” nas eleições brasileiras de 2018.** Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), 2019.
- FERNANDES, Carla Montuori; MONTUORI, Christina. **A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'.**Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 14, n. 2, 2020.
- KOVACH, Bill et al. **Os Elementos do Jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir.** 2004.
- LEITE, Sionelly; LOURENÇO, Patrícia. **O estado da arte do fenômeno fake news.** Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), 2018.
- MARTINUZZO, José Antônio; BASTOS, Marcela Tessarolo. **Rede social como espaço de informação e desinformação: Uma análise do Grupo Utilidade Capixaba–ES–UP no Facebook.** Congresso Nacional de Ciências da Comunicação (Intercom), 2015.
- RECUERO, Raquel. **Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições de 2018.**Comunicação, Mídia e Consumo, v. 16, n. 47, 2019.
- WARDLE, Claire. **6 types of misinformation circulated this election season.** Columbia Journalism Review, 2016 . Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center/6_types_election_fake_news.php. Acesso em : 28/07/2020.